

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: EXÍLIO, MULTICULTURALISMO E ZONAS DE CONTATO

João Guilherme Dayrell (UFSC)¹

Resumo: O presente artigo se propõe a realizar uma análise do filme *Entre os Muros da Escola* (2008) tomando como foco três principais vieses teóricos: o multiculturalismo, o exílio e as zonas de contato. A sala multi-étnica do professor François, onde se passa boa parte da película, serve como micro-panorama de conflitos que se alastram pela França contemporânea conseqüente de uma globalização que pouco resolve o dilema colonizador/ colonizado. No entanto, faz-se necessário aqui a superação da bipolaridade para o entendimento dos múltiplos atritos surgidos dos contatos culturais plurais causados pelos jogos de linguagem em que os estudantes estão imersos.

Palavras- chave: Multiculturalismo, exílio e globalização.

Abstract: The actual article intend to analyze the movie *Entre les Murs* (2008) focusing on three main theoretic biases: the multiculturalism, the exile, and the contact zones. The multi-ethnic room of the teacher Francois, where a great part of the film takes place, works as a micro - panorama of conflicts spread all over contemporary France due to a globalization that little solves the dilemma colonizer / colonized. Nevertheless, it is necessary to go over the bipolarity in order to understand the many conflicts that happened from the plural cultural contacts inflicted by the language games that the students are immersed in.

Key-words: Multiculturalism, exile and globalization.

O presente trabalho pretende realizar uma análise do filme *Entre os Muros da Escola* (*Entre les Murs*, 2008) através dos estudos pós-coloniais e das teorizações sobre a contemporaneidade, tendo como principal foco o exílio, o multiculturalismo, os jogos de linguagem e as zonas de contato. De certa forma, entendemos que após a impossibilidade de se expandir no tempo devido ao encerramento de uma concepção histórica que nos diz de um movimento linear cronológico, fica claro que a partir dos anos 60 que a grande expansão se deu no espaço: o que certamente culminou no que chamamos de globalização. Tal movimento faz emergir inúmeras situações de intercruzamento de culturas que acontecem sob a égide do capitalismo tardio, tão perceptíveis na película que iremos analisar.

¹ Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2007), especialização em Processos Criativos em Palavra e Imagem pelo IEC- Instituto de Educação Continuada da Puc-Minas (2008) e atualmente é mestrando em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Também possui experiência em letras com ênfase em cinema e literatura

O filme *Entre os Muros da Escola* (2008) foi dirigido pelo diretor francês Laurent Cantet. O longa é fruto de uma adaptação do livro autobiográfico do professor François Bégaudeau; o escritor, apesar de não ser ator por formação, interpreta a si mesmo na película. A adaptação do roteiro foi realizada por Robin Campillo em parceria com o diretor da obra, que optou por utilizar atores amadores. O filme, basicamente, se passa em uma escola localizada nos arredores de Paris, onde é possível ter um panorama da sociedade parisiense: ou a que está por vir. A sala de aula é constituída por imigrantes das mais diversas partes do globo; a grande maioria deles vindos de países tidos como subdesenvolvidos ou do terceiro mundo. São garotos que residem na França e lá nasceram ou vieram com suas famílias de países colonizados, estando eles em constante atrito não só com a cultura vigente do local, mas, também com as diversas características próprias dos lugares de onde cada um provém. François, professor de francês, vive em meio a uma espécie de fogo cruzado: com a marca colonial impressas nos seus corpos – a pele negra, o sotaque, as vestimentas etc – as crianças desenvolvem uma guerra constante onde pouco importa o inimigo: como resultante temos ao final do filme um forte atrito envolvendo professor e alunos culminando na expulsão de um dos estudantes.

JOGOS DE LINGUAGEM, EXÍLIO E ZONAS DE CONTATO

Segundo Gumbrecht, temos “três conceitos característicos da situação pós-moderna: destemporalização, destotalização, desreferencialização” (GUMBRECHT, 1998, p. 137). Focaremos no que Gumbrecht destaca como destotalização para inferir algumas questões sobre o contexto no qual nos encontramos em tempos atuais, assim como trabalhar alguns aspectos presentes em *Entre os Muros da Escola* (2008). Gumbrecht (1998) aponta o conceito ao discorrer sobre processo anteriormente descrito por Lyotard (1986). Para último, em decorrência do declínio dos metarrelatos, ou discursos totalizantes – os quais poderíamos exemplificar citando o marxismo – pelos mais diversos motivos, como a inadequação e insuficiência em promover uma leitura de um novo arranjo contextual pelo qual passou a sociedade, teríamos entrado em uma espécie de fragmentação. Como diz Lyotard, “simplificando ao extremo, considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação ao metarrelatos.” (LYOTARD, 1986, p. 15)

A partir de tal configuração, estaríamos agora sujeitos ao que o autor denomina como jogos de linguagem, que se consiste em pequenas esferas que aglutinam os

indivíduos em função das mais diversas características ou situações nas quais os mesmo podem estar inseridos. Desta forma, um indivíduo pode perambular de uma esfera a outra de acordo com as mais diversas variantes: pensamos aqui no exemplo de um homem negro, empresário e com poder econômico elevado. Ao caminhar pela este indivíduo pode ser vítima do racismo, se integrando aqui a uma minoria, como ao lado de seus bens matérias pode ser visto como componente de uma classe exploradora.

Para Lyotard (1999), a não obrigatoriedade da existência de um ímpeto por parte dos sujeitos pertencentes às determinadas esferas da cultura de promoverem ações organizadas em torno destes pequenos grupos comunicativos visando a articulação de uma atuação conjunta deve-se à fragmentação deste sujeito, que poderá se ver, inclusive, integrando simultaneamente esferas discursivamente contraditórias. Desta forma, seria igualmente errante analisarmos uma pluralidade, como a que temos na sala de aula de François, a partir de uma simples dicotomia. Para Said, é de suma importância ir “além das polaridades e oposições binárias do pensamento histórico marxista a fim de criar um novo tipo de análise de objetos plurais em oposição aos objetos singulares.” (SAID, 1991, p.267)

Tais dicotomias poderiam nos induzir a pensar simplesmente nos alunos presentes na sala de François como vítimas de uma cultura colonizadora. Ora, não seria pertinente dizer que os estudantes não estariam nesta circunstância, no entanto, tal realidade provoca muito menos um espírito de união contra um inimigo único que uma situação dentro da sala de aula caracterizada pela imensa pluralidade de conflitos e interesses. O que podemos perceber após uma briga iniciada devido a uma discussão sobre times de futebol depois de François incitar Boubacar e Carl a falar sobre suas preferências? Solemaye adere ao debate e ofende seu colega através de um adjetivo racista, sendo que ambos são negros: um africano eu outro nascido no Caribe. Eis aí um importante ponto para compreendemos Entre os Muros da Escola (2008): a minoria específica a qual vários daqueles garotos poderiam ser enquadrados hora alguma diz de uma possibilidade de união entre eles; na verdade, o que nos fica evidente é que a exclusão funciona como fator complicador das relações. Mesmo sendo negros, os garotos se ofendem usando como instrumento a cor da pele que ambos possuem.

Não se trata de afirmar que dos jogos de linguagem não possam emergir ações consensuais: apenas que o tipo de agrupação que eles propõem pode não ser desejada pelos indivíduos que nela estão inseridos. O esforço de François ao pedir que as

crianças criem auto-retratos, entre outras atividades, nos parece no sentido de elevar a auto-estima dos estudantes. Seria, talvez, para que os alunos assumissem e se orgulhassem de suas respectivas identidades; mas há problemas, muitas vezes da ordem do institucional, que impedem que o professor tenha uma posição que diz somente da tentativa de animar os alunos. François é empregado de uma escola pública francesa, e o lugar da instituição a todo o momento perpassa suas ações, que antes de qualquer interesse está ali para imputar a disciplina e a ordem às crianças. A escola no filme está para justamente exercer este papel de institucionalizar a pluralidade. As tentativas de diálogo do professor estão sempre perambulando entre dois extremos que hora nenhuma pode ser resolvidos: não é à toa que o filme termina com uma briga entre os alunos e a expulsão de Solemeyer. Mas, quais são exatamente estes extremos provocadores dos atritos que teríamos na escola, tão enfrentado pelo professor François? Ora, uma cultura ocidental vinda de uma instituição tão enraizada na sociedade quanto a escola deve ser passada a todos aqueles que estão sob uma mesma condição: são exilados. O exílio segue como marca de todos ali que não estão mais em suas casas, vestindo e falando como fariam em seus países de origem. François se encontra justamente neste fogo cruzado entre a imposição de uma cultura realizada por uma instituição com todo seu conservadorismo característico e crianças exiladas.

Para Said (2003), a condição do exílio é ciumenta e faz emergir um sentimento exagerado de solidariedade entre os exilados que pertencem à mesma nacionalidade, ao passo que estes tornam-se hostil com os outros: ainda que estes “outros” estejam igualmente na situação de exílio². Assim, há um primeiro problema que se coloca que é justamente os das nacionalidades. Nesta lógica colocada por Said (2003), cada um se colocaria a favor de sua cultura. Esmeralda acusa o professor de não usar como exemplo para as lições de gramática nomes mais próximos da cultura árabe. Um ponto de convergência se firma, pois ela possui apoio dos colegas que compartilham de identidades semelhantes. O que interessa aqui, é que por um simples aspecto determinados estudantes se organizam em tal jogo de linguagem, que pode passar muito bem a excluir outros jogos. Se a nacionalidade é agora o fator mais importante, como ficará a condição geral de exilados, como ressaltou na citação posta Said (2003)?

² (SAID, 2003, p. 51)

Entrarão, obviamente, as posições das crianças como alunos, que serve como importante caráter de solidariedade – ainda que cheia de atritos – no filme. O que interessa dizer é que o intenso flutuar de posições, obviamente relacionados ao fato de se tratar de crianças - com todas as qualidades que a idade coloca -, transfere os pontos de fricção a todo o momento: o que claramente leva a situação na sala de aula a um caos. Principalmente, é necessário ressaltamos aqui novamente, pelo fato de se tratar de exilados, condição esta primordial para entendermos o que se passa na sala de François. Said afirma sobre sua pessoal condição de exilado que “trabalhava quase que inteiramente com elementos negativos, com a não-existência, a não-história, que eu precisava de algum modo tornar visível apesar das oclusões, representações erradas e negações (SAID, 2003, p. 310). Esta condição primordial é ilustrada nesta colocação do teórico: os garotos vêm de uma não-existência, de uma não-história, pois todos esses aspectos da vida que possuíam em seus países de origem não mais interessam estando na França contemporânea. Seja o que acontece na China ou na tribo africana de Soulemeye: a disciplina deve ser posta para que aqueles corpos se tornem dóceis à sociedade francesa. Está aí uma espécie de recalque que desde o início mostra que a sala de François é uma bomba prestes a explodir.

Para Said “a reconciliação (com o exílio) sob coerção é covarde e inautêntica: mais vale uma causa perdida do que uma triunfante” (SAID, 2003, p. 314). Talvez a vontade de um eterno sentimento de inadequação seja uma resposta para a imposição cultural tal qual sofre o exilado, e isso o que torne tão problemática a relação entre os alunos. No entanto, é preciso frisar que jamais uma cultura consegue se impor totalmente e sair ilesa sobre uma outra: a troca é sempre de mão dupla. Aquele que se encontra fora de seu local de origem será afetado pelo novo local, o que fará com que ele absorva aspectos daquele novo lugar; assim como a sociedade francesa sofrerá mudanças. O local geográfico e sua cultura deixam marcas naquele que por ali permanece, sendo impossível um tipo de resistência como se estivesse salvando uma pureza primeira. Temos:

Quero propor aqui uma ótica que tira a comunidade (e a identidade, seu colorário) do centro para examinar a maneira como os laços sociais vão se fazendo por entre linhas de diferença, de hierarquia e de pressupostos conflituosos ou não compartilhados. Tal abordagem consideraria o modo como as diferenças e as hierarquias são

produzidas no contato e pelo contato dessas linhas umas com as outras. (PRATT, 1980, p.12)

Nestas marcas que cada ambiente deixa naquele que ali reside, vamos percebendo que as identidades se tornam híbridas e mais fluídas. Aliando isto à questão já colocada dos jogos de linguagem, teríamos justamente a criação destas zonas de contato. Assim, as comunidades também se tornam ainda mais movediças pois serão a todo o momento perpassadas por diversos discursos próprios de outros lugares, o que faz com que as mesmas se tornem um local mais propício a embates internos. Em *Entre os Muros da Escola* (2008) temos, a princípio, duas hierarquias fundamentais: a escola como instituição e François. O professor parece sempre instigar os estudantes a falarem um pouco de si: temos um exemplo desta situação no momento em que Rouback diz ter vergonha de jantar próximo à mãe de Rabah; François continua indagando até levar o garoto a um sentimento de constrangimento sobre quais seriam os motivos desta posição. Assim como ocorre em diversas outras ocasiões, esta atitude faz emergir diversas características culturais próprias de cada indivíduo deste ambiente plural, o que conseqüentemente provoca a criação de diversas zonas de contato. Ora, o atrito se dá justamente nestas linhas, o que torna a posição de François ainda mais ambígua: há o ímpeto de fazer surgir estas identidades, mas de forma alguma elas surgem docilmente; a própria atitude do professor traz à tona algo que o mesmo será responsável por coibir quando se vê tendo que marcar o lugar da instituição. Tarefa que o mesmo não se poupa a fazer. E qual é a situação de François nesta sala de aula? Arriscaremos um pouco.

Said (2003) coloca o fato de ter nascido, ter sido batizado e confirmado na Igreja Anglicana, onde o autor era obrigado a cantar hinos de guerra que o colocava ao mesmo tempo em uma situação de agressor e agredido³. O autor possuía complexa posição em ter a marca de alguém vindo de uma cultura colonizada, e por outro lado pertencer a uma elite econômica que permitiu com que ele pudesse desfrutar de instituições de ponta da cultura ocidental. Explorador e explorado convergiram em sua figura, o que obviamente o colocou no que ele chama de estado de guerra civil⁴. Vejamos: François, em primeiro lugar, é um professor que antes de tudo está a serviço de uma instituição; deve obedecer a ordens. Com isso, se encontra presente em uma

³ SAID, 2003, p. 305

⁴ Ibidem

sala de aula onde - não se sabe com certeza, mas é o que o filme nos deixa transparecer - os franceses, ou seja, aqueles vindos de famílias francesas, ocidentais, parecem ser minorias. E ainda, ele é permeado por um ímpeto de mudança: parece acreditar naqueles garotos, ainda que de um modo particular - usando da ironia em certos momentos, da provocação em vários deles - se encontra numa posição de querer ajudá-los. Aquelas crianças são vítimas de uma conjuntura global da qual nem as mesmas tem plena consciência: a imigração, a colonização, a situação econômica de seus países, o ocidente europeu e americano como culturas dominantes em todo o globo.

Temos, pois, várias zonas de exclusão⁵ trazidas naquela sala de aula - a África, o Caribe, os países asiáticos -. Isto nos leva a crer, por outro lado, que François também está muito bem transitando entre uma situação de explorador e explorado. Quanto às dúvidas em relação ao último adjetivo, justificaremos aqui que ele se dá por dois motivos principais: o fato de ser um mero servidor de tal instituição e de ser tomado - ainda que seja uma posição dúbia, de forma alguma explícita - por este ímpeto de resgatar a auto-estima dos garotos. E nos é óbvio que é inerente para o resgate desta auto-estima a valorização das identidades: o que cairá justamente na criação destas zonas de atrito. Assim, François, se insere em jogos de linguagens pertencentes a uma micro-esfera: e é impelido a lidar com problemas que dizem de uma situação global. Mais uma vez, enfatizaremos sobre esta micro-esfera na qual François está inserido. Canclini ressalta que “uma educação homogênea baseada numa informação universal e estandardizada não gera maior equidade nem democratização participativa” (CANCLINI, 2005, p. 235). Ora, se não se trata obviamente da escola em que François leciona? Um exemplo: temos a cena do diálogo da diretoria da escola com Solemeuye e sua mãe, que não entende o francês. O diálogo se situa logo após a briga despertada no momento em que François diz para Esmeralda e Louise que ambas haviam se portado como “vadias” durante o conselho da diretoria da escola realizado para analisar o desenvolvimento e comportamento dos alunos - tudo isso com a presença das representantes de classe: as duas garotas. Esmeralda e Louise relatam para os colegas, no meio da aula de François, o que havia sido dito na reunião: entre outras coisas, que Solemeuye era limitado - frase proferida por François. Após um longo atrito envolvendo

⁵ (MORAÑA, OLIVEIRA-WILLIAMS, 2005, p. 270)

François e os alunos, Solemeyer se retira bruscamente da sala de aula agredindo a colega Koumba. Como medida para a atitude do garoto, a escola resolve convocar um conselho que acaba por expulsar o rapaz da instituição. Na ocasião, a mãe de Solemeyer argumenta para os demais, fazendo-o em sua língua natal, que seu filho era um ótimo rapaz pois a ajudava perante as dificuldades do lar e no que mais ela precisava. A mãe de Solemeyer não se curva diante da instituição que através de seus métodos enquadra seu filho marginalizando-o. Apesar do semblante de humilhação que nos diz da imensa vontade de Solemeyer de deixar aquela reunião, se mostrando por um lado envergonhado de toda a situação que está sendo submetido a passar e por outro impaciente, o jovem se ocupa de traduzir para sua mãe tudo o que está sendo colocado e também de fazer o caminho inverso: as palavras da mãe de Solemeyer só são entendidas pelos demais através da tradução de seu filho.

A mãe de Solemeyer demarca este lugar intraduzível através de seu corpo: ela não se torna dócil aos interesses da instituição, pois esta quer, obviamente, trazer uma verdade última sobre o seu filho – por mais que os diretores da escola digam que não se trata de ser este último julgamento, o próprio ato de se expulsar remonta este veredicto final e imutável, o que para nós aqui, se torna inegável – a partir do lugar onde a escola se localiza: cultura ocidental, francesa etc. Tendo consciência da sua cultura, e obviamente movida pelo amor materno, a mãe de Solemeyer intuitivamente sabe que ali só o incomunicável pode realmente comunicar: com os cumprimentos cedidos em francês e o resto de toda sua fala na sua língua pátria, a mãe do garoto desmascara a incapacidade ou a falta da preocupação da escola de tentar lidar com estes “outros” que se colocam a todo o momento; se sua condição, a partir de seu filho, será inevitavelmente uma posição marginal, ela constrói uma margem sólida que não se vê mais como margem, mas sim como discurso outro que jamais poderá ser apreendido por aqueles que estão do lado da instituição. Ela enrijece sua diferença através de um gesto concreto que faz emergir neste momento a intraduzibilidade de sua cultura que está longe de caber nas formas produzidas pela sociedade ocidental.

Para Lynn Mario T. Menezes de Souza, “existir (principalmente em um contexto colonial) significa ser interpelado em relação a uma alteridade, ou seja, é preciso existir para um outro.” (SOUZA, 2003, p. 123). Desta forma, a identidade é sempre construída com base na alteridade, através da reação como desejo para com o lugar do Outro. É justamente este lugar do outro que é criado pela mãe de Solemeyer no

momento citado. Diante da escola que se propõe unificar todo pluralismo enquadrando-o de acordo com seus pressupostos, a diferença é levantada como forma de combater o discurso que não só quer colocá-la como erro, mas a tornar dócil e, por conseguinte, fazer com que ela se veja como marginal. Souza (2003) ainda ressalta que para haver tradução cultural pouco basta uma adaptação, mas sim uma revisão interna elaborada por cada cultura afim de promover uma real transformação.

Como já ressaltado aqui, não temos este ímpeto de revisão dos lugares de cada cultura que está presente na sala de aula: François em vários momentos se mostra tomado por esta vontade, mas como o mesmo diz na briga com Solemeyer, ele está ali para impor a disciplina. A escola permanece rígida e não se propõe a abandonar suas regras habituais: o que obviamente culmina não só na briga que podemos ver ao final do filme, mas em toda situação caótica que é possível deprender ao longo da narrativa. Então, o que caberia a escola e às demais instituições de países como a França, onde já não é mais possível ignorar a questão do multiculturalismo? Canclini (2007) coloca que somente a partir de uma concepção multifocal e descentralizada da sociedade é possível aceitar a diversidade cultural e fazê-la contribuir para a construção do conhecimento.

Temos neste momento justamente o que seria possível para uma instituição que trabalha com o conhecimento como a escola: longe do que é possível perceber em *Entre os Muros da Escola* (2008), o ensino deveria se descentralizar assumindo diferentes formas de acordo com sua demanda. À lógica de percepção pela qual passam necessariamente os alunos pelos professores, deveria ser acrescida uma ótica que de alguma maneira possa lidar com as nuances e diferenças culturais que necessitam de outras formas para serem tratadas que não a da simples imposição. Obviamente não existe fórmula pronta para como isso poderia ser implementado; nosso esforço aqui, no entanto, é de justamente tentar promover uma problematização mais profunda da questão para que se possa conceber a importância de lidar com este tipo de questão. Obviamente que o filme *Entre os Muros da Escola* (2008), de maneira precisa, longe de superficialidade, faz emergir muito bem este debate. Como nos coloca Canclini, dizendo que “podemos conectar-nos com os outros unicamente para obter informação, tal como o faríamos com uma máquina provedora de dados. Conhecer o outro, porém é lidar com sua diferença.” (CANCLINI, 2005, p. 241)

Aqui chegamos a um ponto de extrema importância: a diferença exerce um papel fundamental. Ela não pode se ignorada ou simplesmente colocada sob um processo de coerção que no fim visa sua extinção. Na escravidão, através da barbárie plena, era perceptível essa lógica. E mesmo que na França retratada no filme não seja possível, obviamente, ver esta barbárie que hoje encontramos em zonas de conflitos étnicos, ainda verificamos que estamos longe de encontrar maneiras de lidar com esses outros. Basta perceber que em um país como o Brasil a escassez da existência de museus de cultura negra e indígena. Ao se negar a lidar com as diferenças, nega-se também a cultura do outro.

Para finalizar o presente artigo, nos dedicaremos um pouco sobre as cenas finais do filme. Numa delas, François incita todos os alunos a dizerem o que mais haviam gostado de ter aprendido na escola ao longo do ano aqui ali se finalizava. Cada aluno coloca suas principais preferências: aulas de química, reprodução humana, espanhol, matemática, entre outras. Marcado o fim da aula, logo após entregar os autorretratos que os alunos haviam preparado anteriormente, François recebe Henriette, que vai até sua mesa. A garota se sente mal ao notar que seus colegas possuíam preferências, pois ela não as tinha. O professor não entende o que a aluna quer dizer e continua a interrogá-la: a garota argumenta não possuir qualquer ímpeto de realizar um curso profissionalizante, e vai além; assume não ter qualquer vontade de estudar, continuar os estudos quando mais velha for. Percebe-se que a garota na verdade é completamente destituída de motivação, a começar pelo que diz respeito à escola. No entanto, esta cena nos permite ir um pouco mais além. A completa inércia na qual se encontra a garota em relação aos anseios em se viver nos tira dos embates mais explícitos expostos pelo filme, quais sejam; papel da escola como instituição, o multiculturalismo da sala de aula e todas as questões que já foram debatidas aqui.

Neste momento, sem querer realizar um determinado tipo de separação dizendo que os problemas gerados pelas situações sócio-econômicas não possuem dimensão existencial – eles tanto possuem que daí surge de alguns o forte vontade de corrigi-los –, temos aqui uma mudança de foco por parte da película no sentido de tratar de uma individualidade. O filme, neste momento, se aprofunda até chegar ao âmago da interioridade da aluna. Percebemos na garota um problema estritamente existencial, algo incorrigível, que não possui solução aparente. Assim, além de não só tratar de questões que dizem do choque entre instituições e culturas, relativas a todo

um contexto que pode ser encontrado na França contemporânea, *Entre os Muros da Escola* (2008) atinge aqui sua dimensão mais estritamente humana. De uma situação macro que é plenamente metaforizada pela sala de aula, somos levados direto para um contexto extremamente específico, micro: o ser humano e a existência. A intraduzibilidade é trazida de sua forma mais usual, onde é possível notar de forma explícita as diferenças entre línguas, etnias, e etc, para sua forma mais radical e delicada: a sensação de incompletude, que não possui origem fácil de ser encontrada.

Logo após, temos a cena de todos os professores que diretores da escola em uma descontraída partida de futebol com os alunos. Comum no fim do ano letivo, nas últimas aulas que antecedem as férias, a partida de futebol se põe como um pequeno momento onde as hierarquias se extinguem em torno de uma brincadeira. Logo após, a câmera corta para a sala de aula vazia, completamente destituída de seu significado. Antes como uma metáfora que nos dizia de toda uma situação global em que era possível se delinear naquele pequeno espaço, agora a sala de aula volta a ser apenas o que era e o que só pode ser quando se torna obsoleta, tendo em vista a atual conjuntura global e francesa: sem os alunos ali, completamente inútil, já não reflete mais nada, só a si mesma.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Anthony Kwame. **O pós-colonial e o pós-moderno**. In: _____. Na casa de meu pai (trad. Fernando Rosa Ribeiro). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (p. 193-219).

BHABHA, Homi. **A questão Do Outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo**. In: Heloísa Buarque de Hollanda (org.), Pós- Modernismo e Política Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1991

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada** (trad. Sérgio Molina). São Paulo: Iluminuras, 2007.(p. 17-116).

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados** (trad. Luiz Sérgio Henriques). Rio de Janeiro: Editora UFRJ,2004. (Introdução, Mapa 1, Perspectivas 9 e 10).

CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de. **Tradução como diferimento**. In: Élica Ferreira e Paulo Ottoni (orgs.), Traduzir Derrida: Políticas e desconstruções. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. (p. 149-154).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e Forma ensaio para uma crítica não-hermeneutica**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

_____. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: 34, 1998.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno**. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1986

PRATT, Mary Louise. **A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco** (trad. Felipe Guimarães Soares). *Travessia: Revista de Literatura*, n. 38, 1999, p. 7-29.

_____. **Los imaginarios planetarios**. In: Moraña, Mabel y Maria Rosa Olivera-Williams (eds.). *El Salto de Minerva: Intelectuales, género y Estado en América Latina*. Madrid: Iberoamericana/ Vervuert, 2005. (p. 269-281).

SOUZA, Lynn Mario T. **Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha**. In: Benjamin Abdala Junior (org.), *Margens da Cultura: Mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo; Boitempo Editora, 2004. (p. 113-134).

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (p. 46-60).

_____. **Entre mundos**. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (p. 301-315).

FILMES

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA. Paris, 2008, 120 min., colorido.